

**O ENSINO DE LITERATURA EM TEMPOS DE (DES)HUMANIZAÇÃO**Joao Carlos de Souza Ribeiro<sup>1</sup>**Resumo**

O presente artigo visa promover uma reflexão crítica a partir das considerações basilares de Antonio Candido acerca do poder humanizador da literatura, expostas em seu texto modelar intitulado *O direito à literatura*, que integra a obra *Vários Escritos* (2017). Em tempos de ciberização da realidade circundante, que tende a relativizar o *modus operandi* da leitura, estabelecendo novos parâmetros de compreensão, a literatura, quer seja vista como objeto artístico, quer seja vista como objeto disciplinar nas escolas, por meio da transmissão de seu saber, tem sido emparedada pelo transcurso de desumanização das subjetividades envolvidas no processo ensino-aprendizagem e que, formadoras de bolhas informacionais, não a reconhecem como fonte de autodesvelamento do ser.

**Palavras-chave:** Ensino de literatura. Humanização. Desumanização. Ciberização. Subjetividades.

**TEACHING LITERATURE IN TIMES OF (DE)HUMANIZATION****Abstract**

The present paper aims promote a critical reflection based in Antonio Candido's fundamental thoughts which is concerned with humanizing power of literature and expressed in his model text entitled *O direito à literatura* that integrates the *Vários escritos* work (2017). In times of surrounding reality cyberization that tends to relativize reading *modus operandi*, establishing news comprehension parameters, literature, whether it's seen as an artistic object, whether it's seen as subject matter in the schools through its knowledge transmission, has been walled in by dehumanization course of subjctivities are involved in teaching-learning process, which, as information bubbles-formers, do not recognize it as a source of self-discovery.

**Keywords:** Literature teaching. Humanization. Dehumanization. Cyberization. Subjectivities.

---

<sup>1</sup> Doutor e pós-doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e docente dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Acre, com atuação no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS. E-mail: [joao.ribeiro@ufac.br](mailto:joao.ribeiro@ufac.br).

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório).<sup>2</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

As considerações filosóficas, que versam sobre o ensino de literatura na contemporaneidade, atingida, ainda, pelos efeitos da travessia para o novo milênio, não estão dissociadas da compreensão que se tem sobre o literário, o fenômeno da *poiesis*, em sua abrangência inquantificável, e a composição da obra de arte escrita como objeto palpável, tátil, e condensado em seu formato clássico: o livro, ícone cultural e representativo de um tempo no qual o domínio da celulose era absoluto e que, na contemporaneidade atual, tem dividido o seu espaço com tessituras de natureza digital, cada vez mais emergentes.

A partir da premissa em questão, constatamos e reconhecemos o *status* atual do ensino de literatura, plenamente escolarizado e curricularizado, apresentando-se em disformidade com a sua gênese, o que comprova, indubitavelmente, a distância e a dessemelhança com o texto literário em sua modulação fundamental, que é a de ser uma das manifestações da Arte, através da escrita, e produzida, de modo singular, pelo artista; pelo poeta na cosmovisão daquele que porta o dom; a entidade indefinida dotada de um poder misterioso, que transita entre o divinal e o terreno.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Ora, a perseguir essa vereda, na qual declives e acíves parecem metáforas de um grande labirinto sem paredes, a céu aberto, deslinda-se, de um lado, uma realidade que, em nome de um imediatismo infundado, em cuja origem está o gérmen do capitalismo, que transforma os meios de produção de série, em larga escala, desde o advento da Revolução Industrial, no século XVIII, e que tem impresso suas digitais no terceiro milênio, sob o fenômeno expansionista dos processos de ciberização dos grupos sociais; e do outro lado, a aparente sobrevivência de uma outra realidade, quiçá mais resiliente, que não denega ou sabota os avanços das linguagens midiáticas pelo turno triunfante do

---

<sup>2</sup> Candido, *Vários Escritos*, 2017, p. 178.

digitalismo.

Nossa visão crítica está em consonância com o apontamento de Luzia de Maria:

A Revolução Industrial trouxe a exigência de escolaridade para todos, e a Revolução Tecnológica do século XX exige a formação de um novo homem. Não mais um profissional semialfabetizado que dê conta de operar mecanicamente uma alavanca nas frentes de produção em série. As máquinas sofisticam-se e as funções daqueles que as manipulam diversificam-se em novos saberes: é necessário interagir com a máquina, inserir dados, reagir conforme as etapas do processo, realizar a correta leitura dos elementos apresentados, ter agilidade mental para interferir com rapidez e no momento exato. Enfim, para corresponder à complexidade dos novos tempos, é necessário oferecer melhor formação àqueles que vão atuar nessa sociedade. (MARIA, 2016, p. 17).

Os pontos divergentes entre si, opondo-se, inegável e frontalmente, um contra o outro, parece, dividir, portanto, os espaços em duas zonas de influência distintas: a que é do pertencimento do saber, em sua forma tradicional, veiculado pela palavra escrita, e a que se reconfigura por meio de bites e algoritmos na realidade virtual de ascendência maquínica.

Nesse sentido, no que concerne à ancoragem das sentenças, que têm sido o móvel e o mote na cibercultura, recorreremos às pontuações de André Lemos:

A comunicação mediatizada pelas novas tecnologias, como a Internet, por exemplo, criaria para Baudrillard um deserto social, assim como a velocidade cria para Virilio o deserto no espaço. (LEMOS, 2020, p. 75).

As visões e impressões para muitos críticos e pensadores, que têm se ocupado, com o rigor e a cautela que a questão exige, sobretudo quando a problemática joga luz sobre a leitura enquanto atividade proficiente, com vias à descoberta de si, por meio da recepção do texto (a ser) lido nos ambientes oficiais – a escola – e fora deles; e também do livro como instrumento de acesso ao letramento literário, que, em última instância, constitui um dos promotores do saber para além da superfície tangente, única e sedutora, na qual está tecido, tramado na forma de texto, devidamente alinhavado e arrematado para o exercício contínuo da compreensão.

Desse modo, quanto ao vigor do texto e sua inalienável condição de leitura, estabelecemos um elo indispensável com o posicionamento de Roger Chartier:

A indestrutibilidade do texto, supondo que seja atingida, não significa que devam ser destruídos os suportes particulares, historicamente sucessivos, através dos quais os textos chegaram até nós, porque – e creio que o conjunto desta conversa o demonstrou – a relação da leitura com um texto

depende, é claro, do texto lido, mas depende também do leitor, de suas competências e práticas, e da forma na qual ele encontra o texto lido ou ouvido. (CHARTIER, 1999, p. 152).

O horizonte do criticismo que buscamos, de forma consistente, tencionando a proximidade com uma realidade cada vez mais sólida, na contemporaneidade do século XXI, dado que a nossa proposta parte de um corte incisivo e concreto da realidade que se bifurca em caminhos distintos, ora confluentes, ora adversos, (inter)põe, nos fios dos possíveis diálogos ou na ciranda das probabilidades, o tópico que trata da força humanizadora da literatura, segundo as ponderações de Antonio Candido em seu texto clássico intitulado *O direito à literatura*.<sup>3</sup>

Se a tese defendida e levada a termo pelo eminente sociólogo, crítico, literário e professor, ao trazer à lume o poder insofismável, concentrado na humanização da literatura, ratifica a intemporalidade do texto poético, por consequência, finda por revelar o outro lado da questão, que, à primeira vista ou numa leitura inaugural, não é tão claramente perceptível. Qual seja, portanto: o processo de desumanização. Daí o contraditório que Candido pontua, com sutileza, mas sem apontar, analiticamente, a complexidade e os desdobramentos do problema, como está afirmado na epígrafe que elegemos como bússola de nossa reflexão em curso.

Destarte, é incabível pensar que a literatura, em sua vertente fundante, representada pela substância poética que a constitui, atue como vetor que desumanize a realidade, transformando-a na arena irrefutável da negação do que pode ser e não ser, desfazendo, com efeito, os elementos que a integram e nadificando por completo o seu arco significativo por meio da Linguagem. Neste caso, frise-se bem: o (ser) humano em sua natureza ontológica.

O que a literatura, um dos meios singulares de manifestação da Arte, opera, através do texto artístico, não é a desumanização que se opõe à humanização, visto que é inescapável o sentido da dualidade, que perfaz seres e coisas no universo ilimitado que nos abarca e nos acolhe, de forma única; i. e., a desconstrução pautada por seu movimento aparentemente reverso, mas, essencialmente, inalienável – a construção.

Desconstruir, portanto, é, simultaneamente, construir; é a *dynamis* em sua manifestação dual, que não cessa a sua força, a sua potência inesgotável, impondo, na conjuntura do Ser, a ação fenomenológica do velamento e do desvelamento da realidade por meio de processos recepcionais e experienciais promovidos pelo texto chamado Vida.

---

<sup>3</sup> Cf. Candido, 2017, p. 171-193.

Constitui, em última instância, a trajetória de cada qual no transcurso ímpar da existência.

Nesse direcionamento, oportunizamos a seguinte indagação: *o que pode ser desumanizador, ao condicionarmos a problemática exposta nesta reflexão, na contemporaneidade dominada pelas tecnologias digitais, que têm determinado, compulsoriamente, o valor da compreensão pela efemeridade dos infodados dispostos na rede mundial de computadores?*

O texto literário, a despeito de, nos dias atuais, ser visto como um corpo fechado em si mesmo, em decorrência do distanciamento de seu público-alvo no processo de ensino-aprendizagem, o aluno na escola, em verdade, aciona suas blindagens; as couraças que o protegem, para o bem da literatura, das possíveis tentativas de desqualificá-lo ou de considerá-lo um objeto no percurso da obsolescência.

O cenário atual, que denuncia, flagrantemente, a crise da literatura na escola devido ao processo erosivo da desumanização, que, por sua vez, constitui uma força exógena, não tem a ver somente com o uso das ferramentas digitais nos ambientes de ensino, que devem ser compreendidos, principalmente, como elementos facilitadores do ensino da disciplina homônima, mas, antes, com a macroestrutura da realidade vigente que, há muito, tem apresentado falhas sistêmicas das mais diversas.

Aliás, devemos sublinhar, para que não haja preconceitos ou leituras rasas acerca do fenômeno das tecnologias digitais na atualidade, que as linguagens virtuais não podem nem devem ser demonizadas, visto que o seu uso em todos os segmentos sociais e, sobretudo, na educação, são instrumentos que otimizam as ações e as práticas derivadas do processo ensino-aprendizagem, bem como redimensionam os limites de atuação de todos os atores envolvidos nos mais variados campos do conhecimento. O problema ora posto tem raízes profundas e origem distinta.

A par disso, portanto, alicerçamos nossa visão crítica na afirmação de Leyla Perrone-Moisés:

O declínio do prestígio cultural e social da literatura, no fim do século XX, afetou seriamente seu estudo. Numa sociedade dominada pela tecnologia e pela economia de mercado, a disciplina literária sofreu um rebaixamento. Os economistas veem a literatura como um produto com pouco (embora não desprezível) valor mercadológico; os gerenciadores do ensino, como perfumaria sem utilidade na vida profissional futura dos ensinados. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 70).

Na medida em que o texto literário e o seu uso na escola, na condição de corpo disciplinar, configurando o ensino formal de literatura, têm, entre outras funções, a de

humanizar o seu leitor, neste caso, o aprendiz no turno da proficiência, de forma progressiva, visando à plenitude de sua construção identitária, daí o caráter de autodesvelamento, uma das características iminentes da leitura, em seu sentido visceral, o que se almeja, precipuamente, é a garantia do direito à literatura a que se refere Antonio Candido, visto que, notadamente, a Arte, em suas infinitas formas de expressão, deve ser indissociável de uma práxis social, compartilhada, coletiva, comum e, principalmente, construtivista<sup>4</sup>, a fim de possibilitar a percepção de uma realidade que se desumaniza, de modo crescente, exponencial e barbaramente, num mundo midiático, conectado e globalizado.

Nesse sentido, estabilizamos o nosso pensamento a partir das inferências de Maurício Silva:

A leitura, considerada no seu sentido lato, contribui substancialmente para o desenvolvimento da cidadania, resultando num amplo processo de inclusão social e afirmação identitária. Daí a necessidade de sua promoção de forma orgânica e sistemática, por meio da qual se confere ao cidadão maior competência profissional e inserção social. (SILVA, 2010, p. 4).

O *status* da literatura nos ambientes formais de ensino difere, sobremaneira, de sua condição originária. A saber: a manifestação da Arte através da escrita. O processo de escolarização e curricularização, respectivamente, impôs barreiras ao saber literário, que, por sua vez, fora, ao longo do tempo, limitado e desviado de suas proposituras elementares. Os métodos e a visão equivocada de que a literatura na escola valoriza nomes de autores, datas e períodos históricos, descartando a mensagem do texto literário, em sua constituição poética, não somente concorreram para o empobrecimento do ensino da disciplina homônima, propriamente dito, como permitiram, também, a disseminação da ideia de que a arte literária deveria ser vista e compreendida como saber de segundo escalão; banal, fútil e desprovido de qualquer sentido prático numa sociedade cada vez mais tecnicista. Os sujeitos da era cibernética, com efeito, ignorando o texto artístico, divorciaram-se do exercício da contemplação, um dos caminhos essenciais que induz o leitor à autodescoberta, ao lerem a obra de arte em suas camadas mais profundas; em seus leituras (mais) imersivos.

Uma vez desconsiderando a relevância do texto literário, seja pela deformação do ensino que, em estado crítico, além de estar à deriva nos currículos escolares, não estabelece uma prática dialógica e, portanto, edificante com seus leitores formais, o aluno,

---

<sup>4</sup> Cf. Becker, 1992, p. 2.

seja pela ineficácia dos métodos pedagógicos atuais, que insistem na historicidade factual da obra artística, dispensando e recalçando o seu valor atemporal, cuja mensagem é plural, estando direcionada para todos os espectros da realidade objetiva, e perdendo, com efeito, a possibilidade de a literatura ser compreendida como saber capital e necessário para a ação de autorresgate dos sujeitos da/na leitura *in progress*.

Assim, cumpre-nos esclarecer que a literatura, longe de ser uma tábua de salvação, não exerce um papel messiânico na vida de cada qual, independentemente se o (seu) leitor é um sujeito no turno da formação escolar ou aquele que está fora dos domínios da instituição de ensino. No entanto, vale ressaltar que o saber literário tem como função primordial o estabelecimento de uma prática de apelo contínuo, que intente o desvelamento do ser, com vias à construção identitária, ainda que este sujeito, o leitor, seja uma das personagens conviventes em duas instâncias diversas na atualidade: a analógica e a digital.

Eis, portanto, a configuração do painel epocal no qual estão inseridas as personagens de carne e osso da história atual: os sujeitos que estão sob o firmamento com dois sóis coexistindo, espetacularmente, em que o segundo parece ameaçar o primeiro, *a priori*. Tal assertiva objetiva, fundamentalmente, afastar nebulosas que possam enodoar a compreensão sobre uma geração e um tempo marcado por duas realidades que, em verdade, não se opõem, mas que devem ser complementares, a despeito da singularidade de escolhas e dos caminhos que distinguem as duas dimensões em campos opostos, *a posteriori*.

Nesse sentido, compete-nos, oportunamente, esclarecer que estar em campos contrários não significa que uma realidade anule e/ou invalide a outra, e vice-versa. O problema, portanto, não está, por exemplo, nem no livro, que representa a leitura por meio da celulose, nem nas múltiplas versões eletrônicas do papel, que permitem o ato de ler através de telas de plasma, seja pela rolagem, seja pelo *touchscreen*, características dos populares *e-books*, cada vez mais utilizados no mundo ciberizado e não ciberizado.

Cabe-nos destacar, nesse sentido, que é ledô engano pensar que o processo de digitalização da realidade circundante exclui os sujeitos e as categorias do mundo estruturado em bases analógicas. Vale ressaltar, nessa trilha, que as vozes, os olhares e as identidades, que se inserem ou são inseridas no universo *on-line*, são componentes de uma realidade analógica, ainda que estejamos ladeando indivíduos das gerações *x*, *y*,

também denominada *millenial*, *z*, e *alfa*,<sup>5</sup> respectivamente.

Muitos leitores, que precederam a revolução tecnológica da informática e que são os passageiros do transe finissecular e finimilenar, compõem, na contemporaneidade marcada pela presença do maquinarismo digital, a parcela dos sujeitos híbridos, que conjugam o real e o virtual, de modo simultâneo. Há, portanto, um entroncamento balizado pelo duo natural-artificial ou o reverso, a depender de que geração provém o leitor e como este observa a realidade circundante, findando por ser, em última instância, o sujeito e o objeto trançado numa rede na qual tudo se funde; todos se (con)fundem, inevitavelmente.

Nessa diretriz, respaldamos nossa visão crítica nas palavras de Pierre Lévy:

O virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação, resolverá na leitura. Uma vez claramente distinguidos esses dois planos, o do par potencial-real e do par virtual-actual, convém imediatamente sublinhar seu envolvimento recíproco: a digitalização e as novas formas de apresentação do texto só nos interessam porque dão acesso a outras maneiras de ler e de compreender. (LÉVY, 1996, p.40).

O que nos resta, a partir dos tópicos abordados, criticamente, na presente reflexão, é, de forma genérica, traçar linhas definitórias que, à luz da contemporaneidade regida sob o signo do Virtual, considerem o que seja, possivelmente, o ato de desumanização. Voláteis e, portanto, móveis, definições e conceitos são categorias axiomáticas, que são significadas ressignificadas, metassignificadas e até dessignificadas, de acordo com princípios e valores estabelecidos por grupos sociais de cada época.

Nesse sentido, no que concerne ao advento da Revolução da Tecnologia da Informação,<sup>6</sup> cumpre-nos salientar que as mudanças às quais nos referimos têm sido profundas e a emergência das linguagens digitais tem determinado, irrefutavelmente, novos parâmetros semânticos para a realidade em processo de ciberização, cujos códigos, além da ressignificação à qual aludimos, anteriormente, estão no transcurso da metassignificação. Daí a necessidade, a partir do trânsito epocal, visto que as possíveis sentenças estão em suspensão, de estabelecermos o que é/seria a desumanização, que tem sido uma das marcas presentes no tempo (atual) das sociedades ditas informacionais em face da humanização da literatura, cujo vigor é inesgotável, intangível, pois é do pertencimento dos domínios incondicionais da *poiesis*.

---

<sup>5</sup> Cf. Zaninelli; Caldeira; Fonseca, 2022, p. 1-25.

<sup>6</sup> Cf. Silva; Pereira; Morais, 2018, p. 84-88.



De acordo com Aurélio Buarque de Holanda, a despeito de não existir um registro, uma referência para o vocábulo desumanização, indicador essencial em nossa presente reflexão, em sua obra clássica, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, o eminente lexicógrafo, no entanto, pontua, semanticamente, dois verbos que nos interessam para o propósito em curso. A saber, portanto: *desumanizar*, que remete para *desumanar-se*, este último com baixa ocorrência no vernáculo. Segundo o ilustre professor (2004, p.664), “desumanizar. [De *des-* + *humanizar*.] *V. t. d. P.* Desumanar(-se)”; e “desumanar. [De *des*+*humanar*.] *V. t. d. P.* Tornar(-se) desumano; desumanizar(-se)”.

Ora, observando apenas os dois verbos em questão, percebemos a inexistência de um espectro de significação mais particular, específico, que abarque os possíveis sentidos dos referidos vocábulos e que, a par de nossa proposição, dialogue com o ideário que apresentamos neste trabalho.

Nesse sequenciamento, recorrendo ao adjetivo desumano, forma dicionarizada na obra do ensaísta e tradutor em tela, encontramos a definição necessária para consumir o pensamento crítico acerca dos tempos de desumanização, parte do título de nosso trabalho. Informa-nos, portanto, o dicionário Aurélio (*idem, ibidem*): “desumano. [De *des-* + *humano*.] *Adj. 1.* Que não é humano; ferino, bestial, desnaturado.”

Partindo do pressuposto de que tudo que existe nas naturezas cósmica e terrena, respectivamente, advém de uma base binária, constituindo, desse modo, um dos temas mais revisitados pela filosofia, religião; pelas ciências, de modo geral, bem como pelo pensamento místico e esotérico e, sobretudo, pela literatura, visto que o mistério é, *per si*, matéria-prima para o artista na criação de sua obra de arte, não é estranho que, para a nossa visão limitada pela finitude, a compreensão da realidade se dê de formal dual, em princípio, ainda que possamos estabelecer outros parâmetros de comparação por meio de hipóteses, como a tridimensionalidade ou outras cadeias modelares para mensurar a realidade, em seus níveis mais complexos.

Aliás, cumpre-nos notar que, não por acaso, a linguagem virtual, de ascendência maquínica, é binária, por excelência; ou seja, a base é fundada nos números 0 e 1, num encadeamento de combinações pautadas, matematicamente, pelo infinito, configurando, assim, as linguagens computacionais que conferem a forma e a estrutura do universo *on-line*.

Os tempos atuais são, assertivamente, de desumanização, que pode ser lido e interpretado sob vários aspectos. Dos efeitos causados, naturalmente, pelo transe, pela passagem neodecadentista em duplicidade – as cenas finissecular e finimilenar, respectivamente, em convergência para um núcleo singular, o século XXI –, quando as verdades epocais são questionadas pela geração que emerge com outros significados, outras posturas, ante a realidade balizada, permanentemente, pelo código *mutatis mutandi*, aos avanços tecnológicos de toda ordem, que redispõem o *modus vivendi* dos indivíduos numa sociedade globalizada e interligada por cabos, redes, *plugs* e pulsos eletrônicos, transformando o mundo num espaço cabível na palma da mão, imagem sinóptica para definir o encurtamento das distâncias e a velocidade da informação nos tempos da *internet*.

A alusão aos significados ferino, bestial e desnaturado, como estão dicionarizados e expostos no curso de nossa análise, serve, objetivamente, para o fim a que se destina o nosso ideário. A ressignificação dos estados anímicos ou o esvaziamento completo dos sentidos do que seja isto ou aquilo, agravada pela não possibilidade do autorreconhecimento de si na realidade em que as linguagens maquínico-virtuais são, indiscutivelmente, polos dominantes na realidade objetiva, constituem fatores prevaletentes para que, na evolução tecnicista da humanidade do terceiro milênio, paradoxalmente, testemunhemos, como sujeitos e objetos, um cenário histórico marcado pela desnaturação do humano no qual o princípio da bestialidade, o lado *b* do ser que se reconhece pela Linguagem, emerge das sombras e, de forma ferina, atue como elemento desestruturante da/na própria realidade.

Os vetores fundantes desse painel que se elucida, progressivamente, ainda são parques para que elaboremos uma ideia ou um texto conclusivo acerca de um tema vasto, com condicionantes e consequências diversas. Mas o fato é que, nos tempos da desumanização, o sujeito que deveria ser o leitor, o sujeito que protagoniza a ação, tem sido a encarnação do objeto lido; e o objeto que deveria ser o resultado da ação tem se tornado, compulsoriamente, o sujeito, a personagem principal. Este é, indubitavelmente, um dos desdobramentos imediatos do processo de ciberização das camadas que compõem os espaços, visíveis e não visíveis, nos quais o *Homo sapiens sapiens* está inserido. *Ou já seria o Homo digitalis no turno de sua formação?*

A inversão dos papéis, que tem preponderado na realidade objetiva, concorre, significativamente, para que o ensino de literatura nas escolas seja revisto não somente

pela crise sobre a qual há muito se discute no que diz respeito à falta de interesse do aluno pela leitura de um texto ou obra literária, que não consegue vislumbrar o uso e a praticidade da tessitura poética em sua vida, nos domínios da instituição escolar e para além dos muros que a sitiam no mundo.

Ora, se o texto literário, em sua vertente essencial, porta o vigor da humanização, é porque se sabe (sempre se soube) que a realidade circundante, em todos os seus níveis, pende para a desumanização daquele que, paradoxalmente, deveria humanizá-la: o ser humano. Parece-me, portanto, que o predicativo humano, por si só, tem sido débil e vacilante para produzir a ação devida da humanização do ser que, como percebemos, está em desfazimento permanente.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que se apresenta como traço inequívoco do óbvio, em verdade, revela a natureza do humano no embate com as suas contradições, ratificando a ambiguidade, a dubiedade e, principalmente, a circularidade imanente, que nos caracteriza pelo turno da Linguagem, pelo ser e não ser, pelo sim e não, pela verdade e não verdade, pela fala e silêncio; entre uma infinidade de opostos, que formam o tecido binário que nos constitui e nos entretece nas linhas assimétricas da vida.

A Literatura, uma das formas manifestas da Arte, tem o poder inesgotável de humanizar a realidade na qual está circunscrita e todos que, porventura, desejem acessá-la, recepcionando-a e compreendendo-a como código legítimo e representativo da *techné*, visto que o texto literário – romance, poema, conto, qualquer seja o gênero – é, afirmativamente, uma máquina de natureza enigmática operada por outros móveis; por uma força motriz *sui generis*; é, em última instância, uma tecnologia; singular em sua forma, plural em seu conteúdo.

Exercer o direito à literatura é conscientizar-se de que, no transcurso da humanização por meio da leitura, seja no meio analógico, seja no meio digital, a transformação de cada qual e o conseqüente autodesvelamento são os elementos indispensáveis para a busca do verdadeiro conhecimento, que está radicado na linguagem fundante que nos compõe; na gênese da humanidade resguardada, encapsulada; e ecoando, ininterrupta e atemporalmente, sua melodia (mais do que) audível através do fino tecido que é o texto artístico.

**REFERÊNCIAS**

- BECKER, F. O que é Construtivismo? **Revista de Educação AEC**, Brasília v. 21, n. 83, p. 7-15, abr./jun. 1992.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- LEMONS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- LÉVY, P. **O que é o virtual?** 1. ed. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MARIA, L. **Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ler & Cultivar, 2016.
- MOISÉS, L. P. **Mutações da literatura no século XXI**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SILVA, M. G. da; PEREIRA, W. E. N.; MORAIS, A. C. dos S. A revolução da tecnologia da informação e a emergência de “uma” nova economia. **Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 84-98, 2018.
- SILVA, M. Literatura e experiência de vida: novas abordagens no ensino de literatura. **Nau Literária**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2010.
- ZANINELLI, T.; CALDEIRA, G.; FONSECA, L. D. de S. Veteranos, baby boomers, nativos digitais, gerações x, y, e z, geração polegar e geração alfa: perfil geracional dos atuais e potenciais usuários das bibliotecas universitárias. *Brazilian Journal of Information Studies: research trends*, [S. l.], v. 16, p. e02143, 2022.